

Da visita rápida à mudança definitiva para a nova capital

Arquivo pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Falar do passado da capital, dos primeiros dias de Brasília, quando o projeto da construção saía aos poucos do papel, é relembrar fatos simples do cotidiano. Pequenas improvisações que davam vida ao lugar onde só havia trabalho. Registros de uma história não documentada, guardada apenas na lembrança de quem viu ruas e vias serem abertas e prédios inteiros serem levantados. “Fazíamos churrasco embaixo dos blocos, nas entrequadras”. O testemunho é do médico carioca Tito de Andrade Figuerôa, hoje com 71 anos de idade.

“Também me lembro dos restaurantes bons que a W3 tinha no início da década de 60”, continua. “Chamavam-se Benis e Chez Ville”, completa. Amante da gastronomia, Figuerôa lembra também de pratos bem brasileiros, como buchada e dobradinha, que costumava saborear nas visitas periódicas que fazia à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante).

O comércio era ambulante, feito de bicicleta. “Comprávamos quase tudo o que havia disponível aqui”, conta. As roupas eram compradas no Rio de Janeiro, durante as visitas à cidade natal. O sistema de transporte era a *caronice*. “Andávamos muito a pé, na escuridão que era o Plano Piloto, mas quando precisávamos che-

gar mais rápido a algum lugar, íamos de carona”, recorda, nostálgico. Foi assim, com essa mesma surpresa que cada dia na Brasília recém-inaugurada representava para seus habitantes, que Figuerôa descobriu-se, de repente, morador da nova capital.

Chamado por um colega, que já trabalhava aqui, para fazer a relação do material necessário para equipar o laboratório do Hospital Distrital (Hospital de

Base), Figuerôa teve o primeiro contato com o Planalto Central em fevereiro de 1960. Era carnaval. Enquanto o país se divertia, em Brasília todos corriam com os preparativos para a tão esperada inauguração. “Fiz a lista e voltei para o Rio, sem acreditar que o pedido feito seria atendido”, diz.

Um mês depois, entretanto, Figuerôa recebia o telefonema que mudaria o rumo de sua vida. Precisava voltar ao Distrito Federal

para conferir os itens da listagem que já estavam no hospital. “Não havia profissionais capacitados da área de Patologia Clínica aqui para identificar os equipamentos”, explica.

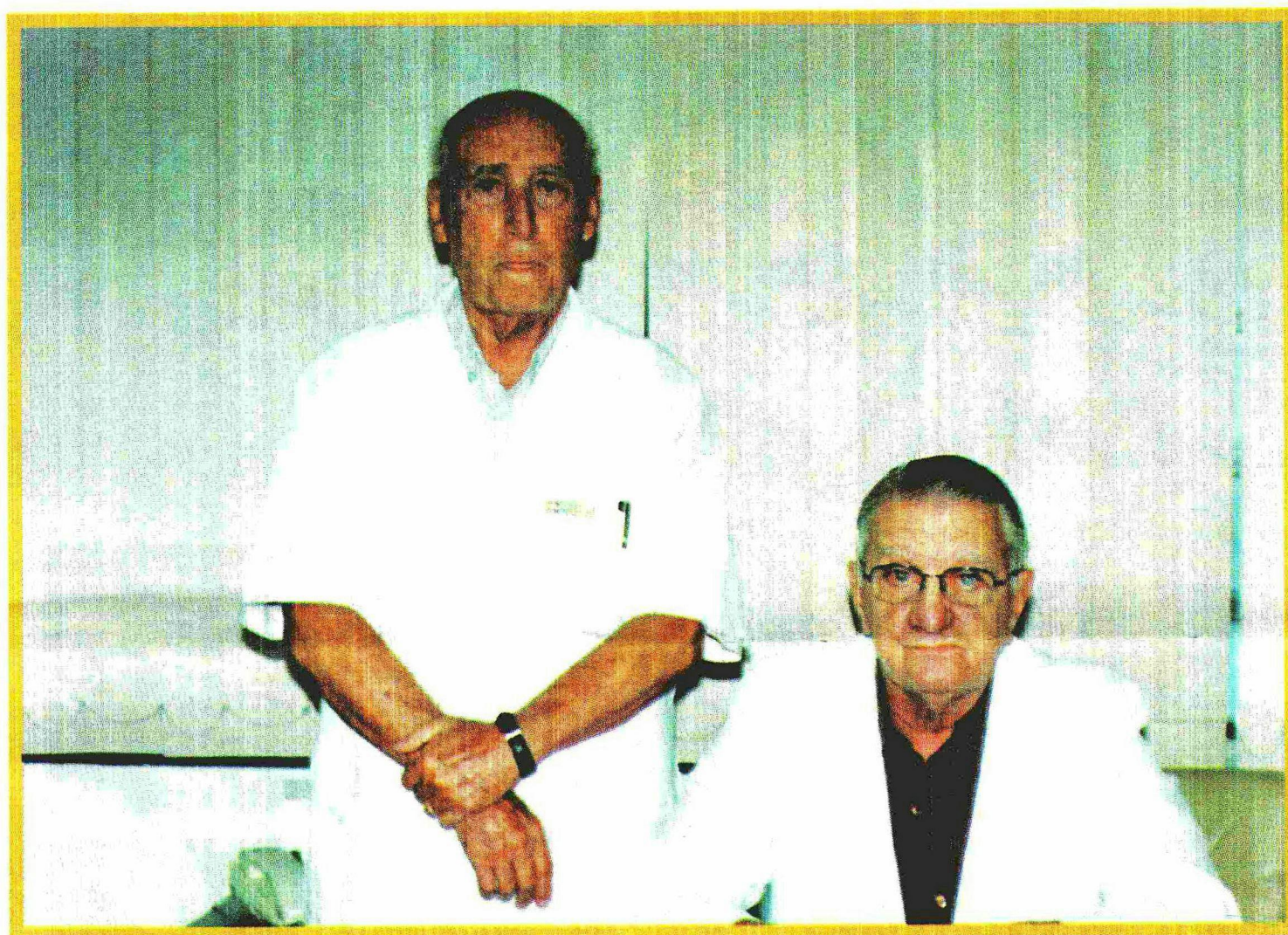
O que era para ser uma visita rápida terminou sendo a mudança definitiva para a capital. “Fiquei muito satisfeito de ver que a cidade estava sendo bem aparelhada na área de saúde, mas ainda tinha dúvidas a res-

peito de sua concretização”, admite. Mesmo sem superar a insegurança, o clínico patologista decidiu abandonar os oito empregos que tinha no Rio de Janeiro para integrar a primeira equipe do Hospital Distrital.



ELIANA E TITO FIGUERÔA(D) EM REUNIÃO NA CASA DE MARCOS E MARIA LUZIA FARANI

O patologista chegou a Brasília para listar os equipamentos necessários para o laboratório do Hospital Distrital em fevereiro de 1960. Um mês depois, veio conferir a encomenda e não saiu mais



TITO
(SENTADO)
COM O
COMPANHEIRO
HÉLIO
PACHECO

Mosquital

Figuerôa não se recorda em que época passou a confiar na viabilização do ideal de Juscelino Kubitschek. Diz apenas que com o tempo, à medida que se incorporava ao dia-a-dia da cidade, a insegurança ia passando.

O cotidiano de médico na nova capital não era fácil. No Distrital, na época apelidado pela população de *mosquital*, 50 profissionais tinham que dar conta de todos os atendimentos que ali chegavam. O hospital ia sendo concluído aos poucos. A primeira clínica integrava o serviço de Pronto Socorro. “Havia muitos acidentes de trânsito porque as vias ainda não estavam estruturadas”, conta Figuerôa. O segundo departamento a ficar pronto foi a maternidade.

O ritmo de trabalho era alucinante. Não raro, as pessoas

eram atendidas nas casas dos médicos. No dia da inauguração, Figuerôa, que trabalhava no laboratório, precisou fazer as vezes de ortopedista no plantão. “O exercício da medicina exige atualização constante e implantação de serviços”, diz. “Mas nós estávamos isolados no meio do Centro-Oeste, tudo era mais complicado”, conclui.

Embora, por vezes, os médicos aqui presentes tomassem atitudes heróicas para satisfazer as necessidades da população que aqui residia, a classe médica não se sentia valorizada no início de Brasília. A revolta era provocada pelo tratamento diferenciado dado aos funcionários do Banco do Brasil. “Enquanto eles recebiam grandes apartamentos nas entrequadras que já estavam prontas, nós

“**ANDÁVAMOS MUITO A PÉ, NA ESCURIDÃO QUE ERA O PLANO PILOTO, MAS QUANDO PRECISÁVAMOS CHEGAR MAIS RÁPIDO A ALGUM LUGAR, ÍAMOS DE CARONA**”

morávamos nas quitinetes das 400”, justifica.

Os profissionais da Saúde fizeram então a primeira greve do setor em Brasília, ainda no ano da inauguração da cidade, 1960. O protesto durou apenas dois dias e a reivindicação por melhores locais de moradia foi atendida. Figuerôa mudou-se do apartamento tipo JK (janela e kitchenette), na 413 Sul, para um espaço maior na 304 Sul.

Para o clínico patologista, a maior qualidade de Brasília é a solidariedade que existe entre as pessoas. Andando na contramão do que se diz da cidade em outros estados. O médico afirma que aqui as pessoas se ajudam muito mais. “Percebo isto nos socorros médicos”, confirma. Para ele, esta característica é consequência do misto de interior e capital que é Brasília.

Raio X

Nome:
Tito Andrade Figuerôa
Idade:
71 anos
Ano de chegada a Brasília:
1960
Origem:
Rio de Janeiro
Profissão:
Clínico Patologista
Esposa:
Eliana Figuerôa
Filha:
Liliane (falecida)